

GÊNERO GRAMATICAL EM ENAWENE NAWE (ARUÁK)?

Ana Paula Brandão¹
Thainá de Lima Reis²

RESUMO

A língua Enawene Nawe (família Aruák) possui aproximadamente 1000 falantes no estado do Mato Grosso. O objetivo deste artigo é descrever e analisar o comportamento morfossintático e semântico de dois morfemas, que possivelmente indicam o gênero gramatical: *-li~-ri* e *-lo~-ro*. Os dados foram coletados em pesquisas de campo e a análise teve como base os trabalhos de Aikhenvald (2016), Corbett (1991; 2013) e Gonçalves (2011). Os morfemas analisados apresentam comportamentos diferentes do considerado prototípico para a categoria de gênero, aproximando-se do eixo derivacional no continuum proposto em Gonçalves (2011): perda da relevância sintática, baixa aplicabilidade e instabilidade semântica.

Palavras-Chave: Línguas Indígenas, Gênero Gramatical, Enawene Nawe, Aruák.

Introdução

O artigo tem como objetivo apresentar a descrição e análise de dois morfemas considerados como marcas de gênero gramatical na língua Enawene Nawe (daqui por diante EN), língua pertencente à família Aruák, falada por um povo de mesmo nome que está localizado no Noroeste do estado do Mato Grosso, na região Centro-Oeste do Brasil. Os EN contam com uma população de pouco mais de mil pessoas, que recentemente passaram a viver em duas comunidades: a mais antiga chamada de *Halataikwa* e a mais nova chamada de *Kolinakwa*. A população EN é majoritariamente monolíngue: crianças, mulheres e idosos falam somente a língua materna. Porém, nos últimos dois anos, com a chegada da escola na comunidade, e também as frequentes

¹ Professora dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e Pós-Graduação em Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (apbrandao@ufpa.br).

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (euthainalima@gmail.com).

idas às cidades próximas fizeram com que uma parcela cada vez maior da população (a maioria dos homens) se tornasse bilíngues.

Os únicos trabalhos descritivos sobre o EN conhecidos até o momento são os de Rezende (2003, 2013³), Brandão & Reis (2018), Reis (2019). Em 2005, um projeto chamado ‘Gramática de esboços, textos e dicionário de Enawene Nawe (Arawak, Brasil)’ foi financiado pelo ELDP / SOAS, mas infelizmente, o projeto não foi concluído. Em 2019, a co-autora do artigo recebeu financiamento do ELDP / SOAS, através da Universidade Federal do Pará, para o projeto ‘Documentação da língua Enawene Nawe’.

Os dados coletados foram obtidos em pesquisa de campo em novembro de 2018 (na cidade de Barra do Bugres) e janeiro de 2020 (na comunidade *Halataikwa*), e se deu por meio do método de elicitación, julgamento de gramaticalidade e gravação de dados espontâneos. A elicitación consiste em ‘materiais preparados pelo pesquisador em que é pedido ao falante palavras e frases equivalentes de uma língua para outra’ (FRANÇA et al, 2016, p. 55), e que se deu por meio da aplicação de questionários. Já o julgamento de gramaticalidade ou aceitabilidade consistiu em perguntas para checar se os falantes aceitavam o uso de determinadas construções com os morfemas de gênero. Tivemos a participação de três falantes de idades distintas, cada um pertencente a clãs diferentes: WE⁴, 20 anos do clã Kairoli; OE, 24 anos e do clã Anihari e o terceiro falante, HE, 29 anos do clã Kawinaili.

A coleta dos dados espontâneos se deu através de gravações de histórias tradicionais e também por meio de um jogo de descrições de animais, que contou com a participação de dois falantes mais jovens. Os áudios das gravações foram segmentados, transcritos e traduzidos no programa ELAN, com a ajuda de falantes EN que também trabalham no projeto de documentação da língua. A análise foi feita com base na teoria do *continuum* flexão-derivação em Gonçalves (2011), além das propriedades gerais da categoria de gênero gramatical contidas em Aikhenvald (2016). A seguir apresentamos o referencial teórico utilizado e a análise dos dados.

³ Este último trabalho, uma descrição morfossintática da língua, não está disponível para a comunidade acadêmica nem para a comunidade de falantes.

⁴ Utilizamos abreviaturas dos nomes dos participantes para garantir a confidencialidade de suas identidades.

Gênero nas línguas naturais

A tipologia linguística propõe três sistemas que são comumente utilizados para a classificação nominal nas línguas naturais: classes nominais (incluindo o gênero gramatical), classificadores e termos de classe (cf. Grinevald, 2000). O gênero gramatical é uma categoria típica de nomes, e que tem como principal característica a concordância obrigatória (CORBETT, 1991), isto é, os morfemas de gênero *devem* ocorrer no nível sintático em todas as palavras ligadas aos nomes (como artigos, pronomes e/ou modificadores). Corbett (1991, p. 1) usa a definição de Hockett (1958) de que o gênero gramatical é ‘uma classe de nomes refletida no comportamento de palavras associadas’.⁵

Uma das questões mais intrigantes que envolvem o estudo do gênero gramatical é sobre os critérios usados pelos falantes de uma língua para determinar a que gênero um nome pertence. Já vimos que podemos utilizar a concordância para chegar a tal resposta. No entanto, falantes nativos *precisam* saber a qual gênero o nome pertence para gerar a concordância correta. Então qual seria o motivo para que um nome pertença a um gênero e não a outro?

Corbett (1991, p. 7) diz que uma explicação possível seria que os falantes simplesmente devem memorizar a qual gênero os nomes pertencem. No entanto, por mais que muitos linguistas tenham aceitado essa resposta no passado, Corbett afirma que falantes nativos de uma língua cometem poucos ou nenhum erro no uso da concordância de gênero; se eles precisassem memorizar o gênero de milhares de nomes, seria esperado que esses erros fossem mais frequentes. O autor fala ainda sobre o fato de empréstimos ou palavras inventadas sempre serem classificadas para um gênero, o que mostra que os falantes possuem uma habilidade consistente que os permite classificar os nomes de suas línguas. A essa habilidade o autor chama *assignment systems*, ou sistemas de atribuição.

O *assignment* pode ser feito com base em duas propriedades dos nomes: o seu significado e a sua forma (CORBETT, 1991, p.8). Em relação a propriedade formal, a base pode ser a estrutura da palavra, abrangendo a flexão e a derivação (morfologia); ou pode ser a estrutura sonora (fonologia). As línguas se utilizam de variadas combinações

⁵ ‘Gender is a class of nouns reflected in the behavior of associated words.’ – Tradução nossa.

desses critérios, podendo apresentar muitas exceções. Mas é importante frisar que o gênero gramatical sempre apresenta uma base semântica para a sua marcação (CORBETT, 1991, p. 63).

Aikhenvald (2016, p. 18) afirma que não importa o quão complexo um sistema de gênero gramatical possa ser, sua base semântica sempre fará referência aos parâmetros universais de sexo, humanidade e animacidade. No entanto, o significado dos nomes nem sempre será suficiente para explicar o porquê de eles serem classificados no gênero X e não no gênero Y; desta forma, quando a semântica sozinha não explicar a marcação, a morfologia e a fonologia também são utilizadas.

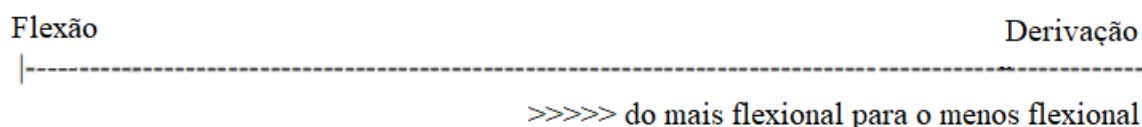
Já com relação às características do gênero gramatical, os sistemas podem apresentar características de comportamento morfológico, sintático e semântico. Aikhenvald (2016, p. 14) aponta as propriedades que podem ser consideradas prototípicas de um sistema de gênero gramatical: 1) número limitado e contável de gêneros; 2) todos os nomes da língua pertencem a uma (ou às vezes mais de uma) classe; 3) sempre há uma base semântica para o agrupamento dos nomes em classes de gênero; 4) outro constituinte da sentença, além do próprio nome, *deve* concordar em gênero com o nome.

A primeira característica está ligada principalmente ao conceito de gênero gramatical usado para se referir aos sistemas encontrados em línguas Indo-Europeias, isto é, com três distinções que geralmente são masculino, feminino e neutro. Mas essa categoria também é achada em línguas que apresentem um número maior de classes e que também podem ser consideradas como tendo gênero gramatical; como é o caso da língua Fula, uma língua Nigero-Congolesa que tem em torno de vinte gêneros, dependendo do dialeto (CORBETT, 2013, p. 124). A segunda propriedade indica a obrigatoriedade da classificação, mostrando que o gênero é uma categoria que se estende a *todos* os nomes de uma língua. A terceira propriedade diz respeito a um dos critérios da escolha do gênero, o semântico, que é a base de todos os sistemas de classificação. E a última propriedade está ligada à concordância, que é obrigatória em todo sistema de gênero, pois mesmo que os morfemas ocorram no próprio nome, ainda assim eles devem marcar os outros constituintes dentro da sentença. Existem línguas que marcam o gênero tanto no nome quanto nos modificadores (a chamada marcação

overt), e há outras em que essa marcação ocorre apenas nas palavras associadas (marcação *covert*).

Ao analisar o EN, observamos que a língua apresenta algumas dessas propriedades apontadas por Aikhenvald, porém não todas, e que a concordância é obrigatória apenas para alguns nomes. Estes critérios rígidos indicariam que o EN não apresenta um sistema de gênero. Porém, há casos em que claramente se pode dizer que há uma marcação de gênero na língua, então como explicar? Para aprofundar nossa análise, consideramos a ideia de *continuum* em Gonçalves (2011). O autor discute as principais características da flexão e da derivação citando, entre outras categorias da língua portuguesa, o gênero gramatical. E com base nas diferenças e semelhanças entre elas, o autor defende (conforme Bybee, 1985) que flexão e derivação sejam tratadas como uma única operação de tipo gradiente, isto é, ‘as operações morfológicas estariam dispostas ao longo de uma escala, cujos extremos seriam, na verdade, apenas protótipos’ (GONÇALVES, 2011, p. 91). Desta forma, o autor propõe um continuum flexão-derivação que é melhor entendido na imagem abaixo:

Imagem 1: Continuum Flexão-Derivação



Fonte: GONÇALVES, (2011b)

Assim como Aikhenvald, Gonçalves cita dezoito critérios para analisar o comportamento dos morfemas no *continuum* flexão-derivação. Desses dezoito, foram escolhidos três critérios para entender melhor os morfemas de gênero em EN (semelhantes às propriedades citadas em Aikhenvald nos itens 2, 3 e 4): *estabilidade semântica*, para compreender as mudanças dos critérios semântico da marcação de gênero que afetam o comportamento da categoria; *relevância sintática*, que está intimamente ligada à concordância e *aplicabilidade*, está relacionada ao nível de produtividade dos morfemas.

Tabela 1: Propriedades prototípicas de flexão e derivação

	FLEXÃO	DERIVAÇÃO
Relevância Sintática	Tem obrigatoriedade sintática	Não tem obrigatoriedade sintática

Aplicabilidade	Maior aplicabilidade	Menor aplicabilidade
Estabilidade Semântica	Semanticamente regular	Semanticamente irregular

Fonte: Autoras do artigo (2020)

Tendo visto as características que são próprias da flexão e da derivação, Gonçalves (2011) diz que é importante lembrar que ‘cada um desses critérios é passível de ser questionado’, sendo ‘extremamente difícil encontrar afixos ‘bem-comportados’, em que todos os critérios levem a mesma caracterização’ (GONÇALVES, 2011, p. 68). A seguir apresentamos uma proposta de análise dos morfemas de gênero em EN de acordo com as propriedades citadas.

Análise do gênero em EN

O gênero é também uma categoria comum às línguas da família Aruák, uma das poucas famílias linguísticas da Amazônia que apresentam tal característica. Segundo Aikhenvald (1999), o gênero nas línguas Aruák é comumente marcado pela oposição entre masculino e feminino. Essa marcação ocorre em afixos ou em demonstrativos, sendo frequente a distinção de gênero nos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular, e não havendo essa distinção no plural.

Segundo Reis e Brandão (2018) e Reis (2019), a língua EN apresenta dois morfemas que podem ser analisados como indicadores do gênero gramatical: *-li~-ri* ‘masculino’ e *-lo~-ro* ‘feminino’. Esses morfemas ocorrem no próprio nome ou por meio da concordância em palavras de outras classes. Se observarmos os exemplos em (1), que apresentam nomes em uma construção predicativa, podemos afirmar que há concordância entre os nomes *ena*, *owiro*, *konete* e *kame holone* e os alvos de concordância, que nesse caso é o modificador *ero* ‘grande’. Em (1a) e (1c), os nomes exigem a ocorrência do morfema *-li* no modificador, enquanto em (1b) e (1d), ocorre o morfema *-lo* ou *-ro*.

(1)

- a. *ena ero-wa-li*
homem grande-?-MASC⁶
‘o homem é grande’
- b. *owiro ero-wa-lo*

⁶ As seguintes abreviações são usadas no artigo: 3 = terceira pessoa, CFL = Classificador, FEM = Feminino, INTENS = intensificador, M = Masculino, NMLZ = Nominalizador.

mulher grande-?-FEM

‘a mulher é grande’

c. *kame-holone ero-ko-li*

cobra coral grande-?-MASC

‘a cobra coral é grande’

d. *konete ero-te-ro*

algodão grande-?-FEM

‘a saia é grande’

A aparente correspondência parece indicar a possível existência de dois gêneros gramaticais na língua EN, o que já era esperado, visto que o gênero é uma categoria comum às línguas Aruák. Entretanto, ficou claro no decorrer desta pesquisa que o gênero gramatical em EN apresenta uma série de comportamentos que diferem do que é comum para a categoria, nos fazendo trabalhar com a hipótese de que esteja em processo mudança e, conseqüentemente, em declínio.

Trabalhando com essa hipótese, analisamos o comportamento desses morfemas de gênero sob a luz das propriedades em Aikhenvald (2016) e dos critérios para analisar o comportamento de morfemas no *continuum* flexão-derivação em Gonçalves (2011). Analisamos os seguintes critérios: relevância sintática, aplicabilidade e estabilidade semântica.

Relevância sintática

Aikhenvald (2016:14) e Gonçalves (2011) apresentam a concordância obrigatória ou relevância sintática como propriedade importante dos sistemas que apresentam o gênero gramatical. Essa propriedade indica que um determinado morfema é requerido pela sintaxe, ou seja, é obrigatório o uso dessas marcas em artigos, pronomes demonstrativos e pessoais e/ou modificadores que estão ligados aos nomes. Em teoria, morfemas flexionais apresentam relevância sintática, enquanto os derivacionais não apresentam (GONÇALVES, 2011).

Por ser uma característica ligada à concordância (principal marca de um sistema de gênero), é esperado que morfemas de gênero gramatical tenham alta relevância sintática. No entanto, de acordo com a teoria do *continuum*, esse critério, assim como

os demais, é passível de questionamento, já que muitos afixos se comportam de maneira diferente do comum.

No EN, os morfemas de gênero *-li~-ri* e *-lo~-ro* tem relevância sintática condicionada. A marcação em EN é predominantemente *covert*, isto é, os morfemas de gênero quase não ocorrem nos nomes, mas sim nas palavras ligadas a eles na sentença. A concordância ocorre apenas em construções com palavras descritivas, sendo obrigatório o uso com referentes humanos:

- (2) a. *Thainá okwatia-lo*
Thainá ciumento-FEM
'A Thainá é ciumenta'
- b. *ena masemaneha-li*
homem safado-MASC
'O homem é safado'
- c. *ere okwatya-li*
3SG ciúme-MASC
'Ele é ciumento.'

A perda da concordância, um dos principais indicativos do declínio de um sistema de gênero, já pode ser visto em EN: pronomes pessoais de terceira pessoa já não apresentam a distinção entre masculino e feminino (como é comum nas línguas Aruák), havendo apenas a forma independente *ere*, como ilustrado em (2c).

Nas construções descritivas em que os nomes não obedecem ao critério de humanidade, a relevância sintática dos morfemas de gênero é baixa, e a concordância está passando a ser opcional:

- (3) a. *oxika honoli*⁷
amarelo abelha
'A abelha é amarela'
- b. *doho oxika-kase-ro*
calango.cego amarelo-CLF.longo-FEM 'O calango cego é amarelo'

⁷ O *li* em *honoli* faz parte da raiz do nome.

Vê-se nos exemplos em (3) que a mesma informação pode ser expressa com e sem as marcas de gênero gramatical, sem que isso cause qualquer falha na compreensão dos falantes. Como a classificação da maioria dos nomes não é de conhecimento dos falantes, as construções sem o uso dos morfemas de gênero já são possíveis. Isso mostra que os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* estão perdendo a relevância sintática. Essa é uma forte evidência de que o gênero está em declínio, tendo em vista que a concordância é a característica mais importante para um sistema de gênero gramatical.

Aplicabilidade

Segundo Gonçalves (2011), a aplicabilidade diz respeito à abrangência do uso de um morfema nas línguas naturais: morfemas que podem ser usados em um grande número de vocábulos tem uma alta aplicabilidade. Prototipicamente, os morfemas de natureza flexional são mais aplicáveis, enquanto derivacionais são de uso mais esporádico. Um exemplo seria as marcas de plural no português: todas as palavras da língua recebem *-s* ou *-es*, fazendo com que a aplicabilidade desses morfemas seja alta. Aikhenvald (2016) também menciona a classificação dos nomes em um dos gêneros como propriedade de um sistema de gênero gramatical.

A análise dos dados mostrou que uma minoria do léxico nominal da língua EN é composto por palavras que recebem as marcas de gênero em sua morfologia, o que faz com que, nesses casos, a aplicabilidade dos morfemas seja baixa. O Quadro 1 ilustra os nomes que apresentam as marcas de gênero gramatical em suas estruturas: os itens de 1 a 12 são termos de parentesco; já os itens de 13 a 20 são nomes derivados⁸. Não foram encontradas ocorrências da marcação de gênero com nomes com referentes não humanos.

⁸ Como vemos nesses exemplos, os morfemas de gênero são usados em nominalizações. A nominalização é um dos processos derivacionais que criam novas palavras em uma língua. E não é incomum que morfemas de gênero apresentem essa propriedade (ARMOSKAITE, 2014). Outro critério para analisar se o morfema é derivacional, mas que não será aprofundado neste artigo.

Quadro 1: Nomes em EN com morfemas de gênero na estrutura

	NOMES	GLOSA		NOMES	GLOSA
1.	<i>atoli</i>	‘avô’	2.	<i>ahero</i>	‘avó’
3.	<i>hahali</i>	‘pai’	4.	<i>mamalo</i>	‘mãe’
5.	<i>kokori</i>	‘tio’	6.	<i>kekero</i>	‘tia’
7.	<i>yayali</i>	‘irmão mais velho’	8.	<i>yayalo</i>	‘irmã mais velha’
9.	<i>yowari</i>	‘irmão mais novo’	10.	<i>yowalo</i>	‘irmã mais nova’
11.	<i>watoli / natoli</i>	‘cunhado’	12.	<i>watolo / natolo</i>	‘cunhada’
13.	<i>diwalise</i>	‘menino’	14.	<i>diwalose</i>	‘menina’
15.	<i>ehataliti</i>	‘idoso’	16.	<i>ehataloti</i>	‘idosa’
17.	<i>daratali</i>	‘professor’	18.	<i>daratalo</i>	‘professora’
19.	<i>waratali</i>	‘curandeiro’	20.	<i>waratalo</i>	‘curandeira’

Fonte: Autoras do artigo (2020)

Vê-se na tabela que a aplicabilidade é mais uma propriedade dos morfemas de gênero em EN afetada pelo traço semântico de humanidade: os nomes com referentes humanos são os únicos que recebem as marcas de gênero em sua morfologia. Como já era esperado que a aplicabilidade das marcas de gênero na morfologia dos nomes seria baixa, esse critério foi usado também para entender o uso dos morfemas de gênero nas palavras descritivas⁹, nas quais também ocorrem. Observa-se que há uma certa frequência de uso dos morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* em modificadores descritivos, que fazem referência à uma característica física ou psicológica dos referentes.

Como visto anteriormente, a aplicabilidade dos morfemas de gênero nas palavras descritivas também se mostrou condicionada pelo tipo de referente das construções: o uso dos morfemas nos modificadores descritivos ligados a nomes com referentes humanos é maior do que com aqueles em construções com referentes não humanos. É possível observar, nos exemplos em (4), o modificador *tawena* ‘pesado’ sendo usado com referentes distintos, em que em uma construção há a presença do morfema de gênero masculino, na outra não. Mesmo assim, a informação é passada sem nenhum prejuízo para a compreensão dos falantes.

(4) a. *ena tawena-ri*

homem pesado-MASC

‘O homem é pesado’

b. *dolate tawena*

⁹ Chamamos de palavras descritivas, pois ainda não temos uma análise para afirmar se são verbos ou adjetivos.

cesto pesado
'O cesto é pesado'

Construções com referentes não humanos recebem as marcas de gênero nos modificadores, geralmente fazendo referência ao tamanho, como *eroli* 'grande' e *koxikasero* 'pequeno' ou cor, como *dotakoli* 'vermelho' e *kiyatero* 'preto'.

Um outro tipo de modificadores descritivos que encontramos durante a análise dos dados chamou a atenção por diferir daqueles mencionados acima. Na língua EN há um número limitado de modificadores descritivos que não recebem as marcas de gênero, mesmo quando ligados a nomes com referentes humanos (onde há maior uso da concordância), como ilustrado em (5).

- (5) a. *mama-lo awe kaxata*
mãe-FEM bom INTENS
'Minha mãe é muito boa'
- b. *diowã-lo-se aōla*
criança-FEM-CLF.pequeno leve
'A menina é leve'

Abaixo, o Quadro 2 apresenta as palavras com esse comportamento que foram documentadas até então. Percebemos que os morfemas de gênero em EN têm uma baixa aplicabilidade, apresentando, segundo esse critério, um comportamento derivacional.

Quadro 2: Palavras descritivas em EN que não recebem marcas de gênero

PALAVRAS DESCRITIVAS	GLOSA
<i>awe</i>	'bom'
<i>owata</i>	'quente'
<i>ikiaxixi</i>	'pequeno'
<i>awōla</i>	'leve'
<i>eniōla</i>	'bravo'

Fonte: Autoras do artigo (2020)

Estabilidade semântica

Segundo Corbett (1991) e Aikhenvald (2016), toda língua que apresenta a categoria de gênero tem uma base semântica para essa marcação. No EN não é diferente: as construções que apresentam a marcação de gênero, nas quais os referentes

são humanos, teriam a distinção do gênero gramatical com base no sexo biológico, como ilustrado no exemplo (6). Neles vemos que os morfemas de gênero são importantes para a comunicação, ao ponto de serem usados tanto no nome (que aqui tratam-se de termos de parentesco), quanto nos predicadores, mostrando a concordância:

(6) *ato-li* *kolakala-li* *mayasa-li-kena.* *Ahe-ro*
avô-MASC velho-MASC cansado-MASC-doente avó-FEM
kolakala-lo *kali*
velho-FEM também
‘Meu avô está velho e cansado. Minha avó também é velha.’

A base semântica que usa como critério o sexo biológico é, além de esperada no cenário do EN, bastante comum nas línguas naturais. Isso ocorre porque os humanos estão mais interessados em diferenciar o sexo biológico de outros humanos, e não de insetos, por exemplo (CORBETT, 2013).

No entanto, espera-se que em um sistema prototípico de gênero gramatical todos os nomes de uma língua sejam classificados em pelo menos uma classe (AIKHENVALD, 2016, p. 14), utilizando diversos critérios semânticos e/ou formais. Então, qual o critério usado para a marcação dos nomes que apresentam referente não humanos em EN?

A comparação dos questionários respondidos pelos três falantes que participaram da pesquisa mostrou uma certa divergência entre os dados dos mais jovens e os do falante mais adulto¹⁰. Quando comparamos o questionário aplicado para os dois falantes mais jovens, verificamos que os dados foram muito parecidos entre si, tendo os morfemas de gênero masculino como predominante em quase todas as construções (o morfema de gênero feminino foi usado apenas uma vez no item para ‘aranha’). Outro questionário, com 26 itens correspondentes a nomes de animais, foi aplicado com o falante mais velho e um dos falantes mais jovens. O Quadro 3 mostra a comparação com 18 itens respondidos por ambos.

¹⁰ A coleta de dados com os falantes mais jovens se deu de forma diferente: os questionários usados com HE e OE era composto por 26 itens, continha figuras, e os dados foram coletados em ambiente urbano; enquanto que a coleta feita com WE e OE se deu na aldeia, o questionário era composto por 19 sentenças e não apresentava figuras.

Quadro 3: Comparação da marcação de Gênero em 18 itens

	Animais	Glosa	Gênero-Falante HE	Gênero-Falante OE
1.	<i>Wakowa</i>	acauã	MASC	MASC
2.	<i>konahō</i>	anu-preto	FEM	não usou
3.	<i>hoserese</i>	coruja buraqueira	FEM	FEM
4.	<i>kalo dotaokolo</i>	arara vermelha	MASC	MASC
5.	<i>xamiyali</i>	caítitu	FEM	MASC/FEM
6.	<i>wisowisohi</i>	caiarara	FEM	MASC/FEM
7.	<i>malola</i>	tatu-canastra	FEM	MASC
8.	<i>walalaliyaka</i>	abotoado (peixe)	FEM	não usou
9.	<i>kayali</i>	pacu	MASC	MASC
10.	<i>tawalio kasali</i>	caninana	MASC	MASC
11.	<i>menese</i>	sucuri	MASC	MASC
12.	<i>eyakali</i>	jacaré	MASC	não usou
13.	<i>akioli</i>	tartaruga	FEM	MASC
14.	<i>kolohi</i>	bico-doce (lagarto)	MASC	FEM
15.	<i>dohō</i>	calango-cego	FEM	não usou
16.	<i>tolidoli</i>	abelha	FEM	FEM
17.	<i>dowakwahi</i>	aranha	MASC	FEM
18.	<i>akola</i>	escorpião	MASC	MASC

Fonte: Autoras do artigo (2020)

Obtivemos os seguintes resultados: para o falante HE, 9 itens foram marcados como masculinos e 9 como feminino. Para o falante OE, 8 itens foram marcados como masculinos, 4 como feminino, 2 itens foram aceitos com ambos os marcadores e 4 itens não receberam marca de gênero. As respostas de HE foram mostradas aos dois falantes mais jovens. Ao analisarem brevemente os dados dos primeiros questionários, eles não se opuseram ao uso das marcas de gênero femininos, nem mesmo naquelas construções que eles usaram morfemas diferentes. Disseram ser possível, mas pontuaram não se tratar de gênero, pois os referentes não eram seres humanos. Isso mostra novamente a relação feita por eles entre gênero e sexo biológico.

No EN, há uma variação de critérios para a classificação do léxico nominal que se refere a seres não humanos, como foi possível observar nas falas dos diferentes falantes que participaram da pesquisa. É possível que os dados reflitam dois estágios da marcação de gênero em EN: 1) o estágio mais conservador, em que são utilizados critérios semânticos estáveis e mais transparentes para a marcação de gênero nos nomes da língua que se referem a animais; 2) o estágio inovador, em que há instabilidade semântica, pois é observado o uso do morfema de gênero masculino de forma predominante em construções com referentes não humanos, bem como o uso de ambas as marcas de gênero ou nenhuma.

Com relação ao estágio mais conservador, este utilizaria o tamanho ou a espécie do referente como padrão na escolha do gênero. Nas construções que se referem a animais menores e peixes, o falante utilizou com maior frequência os morfemas de gênero feminino; enquanto que o gênero masculino foi utilizado para classificar animais maiores e peçonhentos. Observamos este padrão nos dados de HE, que também especificou que o uso de um dos morfemas de gênero para determinados animais não era possível (mesmo que o próprio falante não saiba dizer quais os critérios utilizados). O falante HE tem maior proximidade com os anciãos de seu povo, sendo provável que, por isso, sua fala esteja mais próxima desse estágio mais conservador. Ele está sendo treinado para se tornar *Sotakatali*, um sábio que conhece histórias e cânticos tradicionais. Essa função faz necessária a memorização desses conhecimentos. Sendo assim, a idade e o conhecimento de HE sobre a mitologia dos EN podem ter influenciado seus critérios para as escolhas dos morfemas de gênero.

O estágio inovador é visto na fala dos mais jovens que tendem a não usar a marca de gênero e quando usam, o uso dos morfemas de gênero masculino é o mais utilizado nas construções com referentes não humanos. Nesse caso, o gênero masculino torna-se uma espécie de gênero genérico, uma forma de englobar os nomes cujos gêneros não são mais de conhecimento ou interesse dos falantes¹¹. Os falantes se distanciam do conhecimento tradicional, sendo assim, os critérios antes utilizados para a classificação em um dos gêneros não são mais conhecidos, o que faz com que eles escolham um dos gêneros para generalizar, ou então não usem nenhum dos dois. Essa instabilidade semântica, isto é, não ter sempre o mesmo significado (um comportamento derivacional, segundo Gonçalves, 2011), torna mais complexa a análise para saber a que gênero pertencem os nomes para animais e objetos.

Também coletamos dados espontâneos com os falantes mais jovens, que continuam mostrando semelhanças com os dados de OE e WE, e diferiram dos dados de HE. Esses dados foram coletados por meio de um jogo de descrições de animais e mostraram novamente a predominância de uso dos morfemas masculinos nos descritivos. Os falantes ME e LE descreveram oito animais e, nas poucas construções

¹¹ Aqui não se trata da definição comum de ‘masculino genérico’, isto é, o uso do gênero masculino para denotar a espécie humana (MÄDER, 2015). Usamos o termo ‘gênero genérico’ para nomear a estratégia dos falantes mais jovens de ainda usarem os morfemas *-li~-ri* nas construções que contêm nomes com referentes não humanos.

que geraram concordância, os morfemas *-li~-ri* foram usados em todas, como é visto em (7). Podemos perceber que isso mostra um outro padrão.

a. *halila kohase. awa-li kaxata kohase*

peixe.tucunaré peixe bonito-MASC muito peixe

‘O peixe é Tucunaré. Ele é um peixe muito bonito.’

b. *ixine en-ewa-li. awa-li kaxata oxikiana-li.*

onça 3SG-nome-MASC bonito-MASC muito amarelo-MASC

‘O nome dela é onça. Ela é muito bonita e amarela.’

Com isso entende-se que a marcação de gênero em EN está tendendo a ser predominantemente semântica, usando como critério a humanidade e sexo biológico. Quando os referentes forem humanos, a distinção do gênero dos nomes será feita com base em seu sexo. Nesses casos, haverá alta estabilidade semântica e nenhuma mudança de significado: os morfemas de gênero sempre indicarão humano do sexo masculino ou humana do sexo feminino. Esses significados tem grande relevância para a compreensão, por isso a concordância ocorre quase que obrigatoriamente. Por outro lado, há uma instabilidade semântica no que diz respeito às categorias de animais e objetos.

Observando o comportamento da categoria de gênero gramatical, é bastante provável que o próximo estágio da língua EN se desenvolva para que mais construções deixem de gerar a concordância. Isso fará com que só construções com referentes humanos apresentem os morfemas de gênero no nível sintático. A análise mostra que aquelas com nomes que não se encaixam principalmente no critério de humanidade já estão nesse processo de perda de concordância. A mudança dos critérios semânticos afeta outros traços dos morfemas de gênero em EN.

Portanto, foi possível identificar que o EN apresenta uma base semântica para o gênero, isto é, a humanidade e o sexo biológico dos referentes; esse aspecto concorda com a propriedade citada por Aikhenvald de que todo sistema de gênero tem uma base semântica para a classificação de alguns nomes. No entanto essa base de significado não funciona para todo o sistema, já que uma parte do léxico não recebe marcação de gênero, não apresentando, portanto, critérios semânticos transparentes.

O comportamento derivacional do Gênero em EM

Observando-se os critérios de relevância sintática, aplicabilidade e estabilidade semântica, verificamos que os morfemas de gênero em EN têm um comportamento derivacional: apresentam significados instáveis para a maioria do léxico nominal, baixa aplicabilidade tanto na morfologia dos nomes quanto nas palavras descritivas e não geram concordância em todas as construções (cf. a equivalência de propriedades, de acordo com os autores considerados, no Quadro 4).

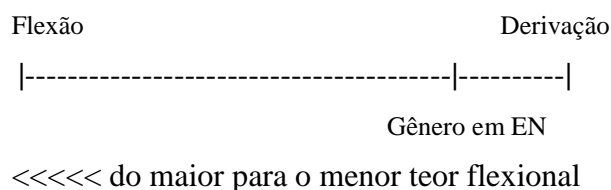
Quadro 4: Propriedades da categoria de gênero gramatical em EN

PROPRIEDADES GERAIS SEGUNDO AIKHENVALD (2016)	CRITÉRIOS DE GONÇALVES (2011)	GÊNERO EM EN
Base semântica para o agrupamento dos nomes.	Estabilidade Semântica	Parcialmente
Todos os nomes da língua pertencem a uma classe;	Aplicabilidade	Baixa Aplicabilidade
Outro constituinte da sentença deve concordar em gênero com o nome.	Relevância Sintática	Parcialmente

Fonte: Autoras do artigo (2020)

É evidente que, levando em conta os critérios escolhidos, os morfemas de gênero em EN estão bem mais próximos da derivação. Mas isso não é suficiente para que eles estejam na extrema direita do continuum, já que não são protótipos. Dito isto, a seguinte escala com base em Gonçalves (2011) é proposta:

(7) Gênero em EN no continuum flexão-derivação



Essas teorias mostraram que o gênero gramatical em EN apresenta uma série de características que evidenciam a mudança de comportamento da categoria em relação ao que é comum à família Aruák. Além disso, o fato de suas propriedades serem muito mais caracterizadoras de operações derivacionais ajuda a prever um possível caminho que o gênero em EN tomará.

Comportamento semelhante é observado em outra língua da família Aruák que é geneticamente mais próxima do EN, a língua Paresi. Nessa língua, os morfemas *-(ha)lo* e *-(ha)re* ocorrem como nominalizadores (morfemas derivacionais) de verbos transitivos e intransitivos e adjetivos (BRANDÃO, 2014, p. 204).

(8) a. *xaka-lo*

atirar-NMLZ

‘atiradora’

b. *xaka-re*

atirar-NMLZ

‘atirador’

c. *timene-re*

pesado-NMLZ

‘aquele/aquilo que é pesado’

Considerações finais

Para Brandão (2014), esses morfemas são vestígios da categoria de gênero gramatical que foi perdida no Paresi e está em declínio em algumas línguas Aruák do Xingu, a exemplo do Waurá, que possui a distinção de gênero apenas nos demonstrativos, como afirma Aikhenvald (1999, p. 84). Segundo Aikhenvald (2008, p. 143), quando o gênero é perdido, ele frequentemente deixa marcas na gramática. Observando tanto o Paresi, quanto o EN, percebemos que ainda há a marcação de gênero, seja em termos de parentesco ou outros nomes referentes, seja em construções com palavras descritivas relativas às qualidades humanas. O uso dos morfemas cognatos em Paresi em nominalizações, reforça que as marcas de gênero passariam por um processo intermediário com características mais derivacionais até se transformarem em morfemas essencialmente derivacionais.

Pesquisas ainda necessitam ser feitas para aprofundar e reafirmar a análise aqui apresentada. Damos início a pesquisa do uso dos morfemas de gênero em textos tradicionais e não-tradicionais coletados, para confirmar as hipóteses. Também é necessário pesquisar as demais propriedades mencionadas por Gonçalves, a exemplo da mudança de classe, para verificar como os morfemas em questão criam novos vocábulos na língua.

Essas hipóteses podem auxiliar nos estudos comparativos a serem realizados no futuro, visando entender melhor a relação entre o Paresi e EN, e a relação dessas línguas com outros agrupamentos da família. Os resultados apresentados apoiam a hipótese de Brandão e Carvalho (2020, no prelo) de que a língua EN representaria um estágio anterior da língua Paresi (chamado Pré-Paresi) e de que pertencem a um agrupamento chamado de Juruena. A pesquisa também contribui com a descrição da língua, já que até então pouco se sabia sobre a sua gramática.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In: DIXON and AIKHENVALD (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 65-106.

_____. *How Gender Shapes the World*. Oxford University Press, 2016. 271 p.

ARMOSKAITE, Solveiga. Derivation by gender in Lithuanian. In: Paul, Ileana (editor). *Cross-linguistic Investigations of Nominalization Patterns*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 169-187.

BRANDÃO, A. P. *A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)*. Tese de doutorado. University of Texas at Austin. Austin, 2014.

CARVALHO, Fernando; BRANDÃO, Ana Paula. (no prelo). *A diachronic account of Paresi (Arawakan): person marking and alignment*.

CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. Number of Genders. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. (Available online at <http://wals.info/chapter/30>, Accessed on 2019-09-27.)

_____. Sex-based and Non-sex-based Gender Systems. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013 (Available online at <http://wals.info/chapter/31>, Accessed on 2020-02-07.)

FRANÇA, Anieli Improta. FERRARI, Lilian. MAIA, Marcus. *Linguística no Século XXI: Convergências e divergências no estudo da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016. 224 p.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em Português*. São Paulo: Contexto, 2011. 160 p.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. *Masculino genérico e sexismo gramatical*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

REIS, T. L. BRANDÃO, A. P. B. Termos De Parentesco Em Enawene Nawe (Aruák): Análise Do Gênero Gramatical. In: *Anais do II Congresso De Línguas Indígenas De Mato Grosso (Climt)*. Barra Do Bugres/Mato Grosso: Faculdade Indígena - Faind, 2018. Vol. 2 (2018). Issn online: 2527-1539.

REIS, Thainá de Lima. *Estudo preliminar sobre gênero em Enawene Nawe*. Belém: PROPESP; manuscript. 2019.

REZENDE, Ubiray Maria Nogueira. *Fonética e fonologia da língua Enanewe Nawe (Aruak): Uma primeira abordagem*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

GRAMMATICAL GENDER IN ENAWENE NAWE (ARAWAK)?

ABSTRACT

The Enawene Nawe language (Arawak family) has approximately 1000 speakers in the state of Mato Grosso. The purpose of this paper is to describe and analyze the morphosyntactic and

semantic behavior of two morphemes, which possibly indicate the grammatical genre: *-li ~ -ri* and *-lo ~ -ro*. The data were collected in field research and the analysis was based on Aikhenvald (2016), Corbett (1991; 2013) and Gonçalves (2011). The analyzed morphemes present different behaviors from what is considered prototypical for the gender category, approaching the derivational axis in the continuum proposed in Gonçalves (2011): loss of syntactic relevance, low applicability and semantic instability.

Keywords: Indigenous Languages, Grammatical Gender, Enawene Nawe, Arawak.

Recebido em 31/08/2020.

Aprovado em 02/09/2020.